

# AMATO LUSITANO, DIOGO PIRES E PEDRO SANTERNA: OS CAMINHOS ENTRECruzADOS DE UM MÉDICO, DE UM POETA E DE UM JURISCONSULTO PORTUGUESES\*

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Centro de Línguas e Culturas  
Universidade de Aveiro

## RESUMO

Os cristãos-novos portugueses começaram a estabelecer-se e a operar na praça de Ancona desde 1532, um movimento que está na origem do extraordinário empório que os portugueses ajudaram a construir no recém-criado estado papal nas décadas seguintes. Este estudo procura demonstrar como o círculo literário formado em Ancona, no início da década de 50 do século XVI, congregando alguns nomes maiores da comunidade judaico-portuguesa, como os de Amato Lusitano e de Diogo Pires, a que acrescem os de Ambrósio Nicandro de Toledo e de Roberto de Nobili, propiciou as condições para a edição e publicação do primeiro tratado de seguros marítimos (Veneza, 1552), escrito, não por acaso, por um jurisconsulto e mercador português, Pedro Santerna ou Pedro de Santarém (Petrus Santerna Lusitanus).

## PALAVRAS-CHAVE

Pedro Santerna, Diogo Pires, Amato Lusitano, Ambrósio Nicandro, Benvenuto Stracca, Ancona

## ABSTRACT

The Portuguese New Christians settled and started operating in the trading centre of Ancona since 1532 and this movement is in the root of the extraordinary emporium that the Portuguese merchants helped to build in the course of the following decades in the newly created papal state. This study seeks to demonstrate how the literary circle formed in Ancona, at the beginning of the 50's in the 16<sup>th</sup> century, by bringing together some of the most prestigious names of the Jewish-Portuguese community, such as those of Amato Lusitano and Diogo Pires, joined by Ambrósio Nicandro de Toledo and Roberto de Nobili, set the conditions for the edition and publication of the first treatise on marine insurance (Venice, 1552) written, not by chance, by Pedro Santerna or Pedro de Santarém (Petrus Santerna Lusitanus), a Portuguese jurist and merchant.

## KEYWORDS

Pedro Santerna, Diogo Pires, Amato Lusitano, Ambrósio Nicandro, Benvenuto Stracca, Ancona

---

\* Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no quadro do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

## 1. INTRODUÇÃO

As relações familiares e de profunda amizade entre Amato Lusitano e Diogo Pires são por demais conhecidas e evidenciadas ao longo do percurso comum trilhado desde Portugal, sempre na companhia e ao serviço da família Pires-Cohen, até se estabelecerem, a partir de 1547, na praça de Ancona, nas margens do Adriático<sup>1</sup>. Ao invés, até há pouco quase nada se sabia sobre a enigmática figura do ilustre português<sup>2</sup>, conhecido segundo a tradição como Pedro de Santarém ou Pedro Santerna<sup>3</sup> (Petrus Santerna Lusitanus), cuja única mas significativa prova de existência conhecida radicava no facto de ter dado à estampa, em Veneza, em 1552, aquele que é considerado o primeiro tratado de seguros marítimos<sup>4</sup>. Este livro ostenta no rosto o nome do seu autor sob a forma Petrus Santerna Lusitanus e foi dedicado a Vincenzo de Nobili<sup>5</sup>, sobrinho materno do papa Júlio III, que o nomeou governador de Ancona.

Não obstante as sombras que envolvem Pedro Santerna, deve acentuar-se que a obra do juriconsulto português nunca foi esquecida em Portugal, antes pelo contrário, graças ao empenho de Moses Bensabat Amzalak, por cuja iniciativa foi publicada a tradução portuguesa de Miguel Pinto de Meneses<sup>6</sup>, e do Grémio de Seguradores e do Instituto de Seguros de Portugal<sup>7</sup>, que promoveram uma edição fac-similada do tratado, acompanhada de versões em português, inglês e francês<sup>8</sup>.

---

<sup>1</sup> Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família eborense Pires-Cohen, veja-se o nosso trabalho: A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento), cuja primeira parte (pp. 1-134) traça um esboço biográfico de Diogo Pires e da sua família.

<sup>2</sup> Referimo-nos ao estudo notável de Domenico MAFFEI, “Il giureconsulto portoghese Pedro de Santarém autore del primo trattato sulle assicurazioni (1488)”: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. LVIII (1982) 703-728 (*Estudos em homenagem aos Profs. Manuel Paulo Merêa e Guilherme Braga da Cruz – I*).

<sup>3</sup> Embora o autor do tratado seja referido tradicionalmente como natural de Santarém, não é possível comprová-lo em absoluto nem através do manuscrito nem através do livro. A este respeito, cf. D. Maffei (1982) 706, notas 7 e 8. Adoptou-se, por isso, a forma Santerna, gravada no texto impresso, uma provável corrupção de *Sanctarenensis*.

<sup>4</sup> *Petri Santernae Lusitani iuris utriusque doctoris peritissimi ac famosissimi, tractatus de assecurationibus et sponsionibus mercatorum nunc primum in lucem datus, cum repertorio et summariis*. Per eximium iu. Vt. Censurae Doct. D. Io. Baptistam Triumphum. Venetiis, apud Baltassarem Constantinum ad signum Diui Georgii, 1552.

<sup>5</sup> Cf. P. MESSINA, “De Nobili, Vincenzo”: *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 766-768.

<sup>6</sup> M. B. AMZALAK, *O tratado de seguros de Pedro de Santarém*. Lisboa, 1958. No prefácio deste volume (1-26), Amzalak apresenta um estudo sobre o autor e a obra (1. Notas biográficas, 2. Edições e 3. Os seguros segundo Pedro de Santarém), retomando e enumerando os seus trabalhos anteriores sobre a matéria.

<sup>7</sup> Agradecemos ao Instituto de Seguros de Portugal a oferta da edição comemorativa que foi promovida, em Outubro de 2007, por ocasião do I Centenário da Supervisão de Seguros em Portugal. Esta reedição acrescenta, em relação às duas anteriores do Grémio de Seguradores, um prefácio notável de Pedro Romano Martinez.

<sup>8</sup> O Grémio de Seguradores patrocinou, em 1961 e em 1971, a edição de um único volume com a reprodução anastática da edição do tratado de 1558, acompanhada da versão portuguesa (de Miguel Pinto de Meneses), inglesa e francesa, e precedida do estudo introdutório supra referido de Amzalak de 1958. Assinala-se, ainda, a publicação de uma outra edição do tratado acompanhada da mesma tradução portuguesa, com um texto preambular de José Hermano Saraiva: Pedro de Santarém, *Tractatus de assecurationibus et sponsionibus*. Lisboa, Difusão Cultural, 1988.

À primeira vista não nos pareceu haver nada que pudesse relacionar Amato Lusitano e Diogo Pires com Pedro Santerna, salvo a assunção da comum origem portuguesa<sup>9</sup>, mas uma análise mais fina levou-nos, paulatinamente, a estabelecer uma série de relações que podem ajudar não só a compreender o contexto da criação e da publicação do tratado de seguros marítimos, mas também a lançar uma nova luz sobre o seu autor. Isso apenas foi tornado possível graças a um estudo aprofundado da acção e das relações da família Pires-Cohen, em particular de Amato Lusitano e de Diogo Pires, no período em que a Casa Pires assentou arraiais na cidade de Ancona (1547-1555). É precisamente durante esses anos que começam a vir a lume, em prelos venezianos e florentinos, tanto as principais obras de Amato Lusitano como a do próprio Pedro Santerna. Com efeito, a publicação das *Centúrias de Curas Medicinai*s (Florença, 1551) e dos *Comentários* de Amato Lusitano a Dioscórides (Veneza, 1553)<sup>10</sup> principia nos primeiros anos da década de 50, à semelhança do que ocorre com o tratado de Pedro Santerna (Veneza, 1552).

## 2. A CHEGADA DE AMATO LUSITANO E DE DIOGO PIRES A ANCONA

Na sequência do penoso processo de falência da sociedade comercial que os Pires haviam estabelecido formalmente com o duque de Ferrara, em 1541, os membros da família, entre os quais figuram Amato Lusitano e Diogo Pires, começaram a deslocar-se para o estado papal de Ancona por volta de 1547, onde passaram a estabelecer a sede principal das suas actividades<sup>11</sup>. A falência da sociedade com Hércules II constituiu um golpe bastante profundo em toda a organização da Casa Pires, constituindo, a nosso ver, a razão fundamental que motivou a saída de Ferrara<sup>12</sup>.

A praça de Ancona, porém, não era, de forma alguma, um lugar estranho à família. Basta recordar que os Pires se encontram entre os primeiros mercadores portugueses a estabelecer-se e a manter relações comerciais privilegiadas com o porto adriático, ponto nevrálgico onde se cruzavam

---

<sup>9</sup> Há notícia de que Pedro de Azevedo comunicou a Moses Bensabat Amzalak as suas suspeitas de que Pedro de Santarém poderia ter sido um cristão-novo, o que até ao presente não se confirmou (cf. M. B. AMZALAK, *O tratado de seguros de Pedro de Santarém*. Lisboa, 1958, p. 10). Note-se, porém, que a recente descoberta de um manuscrito do tratado, de 1488, remete, inclusivamente, a sua génese para a década anterior à da Conversão Geral dos judeus em Portugal (1497).

<sup>10</sup> Para uma relação das edições das obras do médico albicastrense, veja-se o catálogo bibliográfico organizado por João José Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

<sup>11</sup> Nos comentários a Dioscórides, Amato Lusitano afirma ter visto pela primeira vez uma certa planta, precisamente no decurso de uma viagem de Ferrara para Ancona, em Maio de 1547: *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi, quibus non solum Officinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germanice, et Gallice proponantur*. Venetiis, [apud Gualterum Scotum], 1553, 400-401 (Lib. IV, en. 54: *De trago siue traho*). As citações desta obra, ao longo deste trabalho, serão feitas a partir da primeira edição, mencionada daqui em diante, de forma abreviada, como *In Dioscoridis*.

<sup>12</sup> Para uma análise pormenorizada do percurso e actividades da família Pires em Ferrara, cf. A. M. L. ANDRADE, "De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família": *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011) 5-16.

as rotas do Ocidente e do Oriente<sup>13</sup>. A família Pires-Cohen, através da empreendedora D. Guiomar, tia de Amato Lusitano e de Diogo Pires, foi pioneira neste movimento de deslocação de norte para sul, que viria, com o passar do tempo, a assumir uma dinâmica e uma dimensão extraordinárias. Esta intensa actividade, iniciada em 1532, está na origem do empório que os cristãos-novos portugueses ajudaram a construir no estado papal, sobretudo no decurso das décadas de 40 e 50<sup>14</sup>. A Nação Portuguesa de Ancona apenas veria terminados os seus dias de desenvolvimento e prosperidade com os acontecimentos dramáticos dos tristemente célebres autos-de-fé de 1556, sob o pontificado de Paulo IV, a que Amato conseguiu escapar com vida, não sem ter perdido para sempre alguns dos seus familiares mais chegados e a quase totalidade dos seus bens e haveres<sup>15</sup>.

As actividades comerciais em Ancona de Manuel Henriques, irmão de Diogo Pires e primo de Amato, estão referenciadas desde 1537 e intensificam-se bastante durante a década de 40, passando a ser o agente principal dos Pires no estado papal até à transferência da família de Ferrara para Ancona. Manuel Henriques pratica o comércio de tecidos importados do norte da Europa, dedicando-se igualmente ao comércio de peles e couros, havendo um número significativo de registos documentais das suas operações de importação e exportação no Archivio di Stato di Ancona.

Não obstante o fulgor de tempos passados, os Pires não mais recuperariam totalmente das perdas avultadas que haviam sofrido em Ferrara devido à falência da sociedade comercial com Hércules II. Por conseguinte, a deslocação para Ancona ficou marcada por um declínio acentuado da actividade comercial. Em sentido inverso, porém, corria a projecção alcançada por Amato Lusitano e por Diogo Pires: um adquirira merecida fama enquanto médico e professor da Universidade de Ferrara, o outro enquanto poeta de eleição com obra publicada e reconhecida nos círculos humanísticos. Um e outro estabeleceram laços estreitos e duradouros com os mais elevados círculos culturais, académicos e literários, primeiro em Lovaina e Antuérpia, depois em Ferrara.

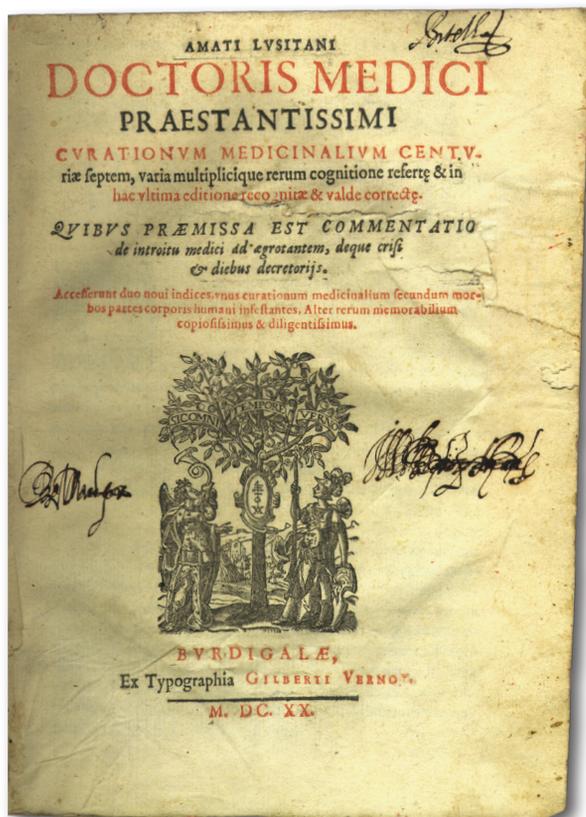
Não se estranha, por isso, que tanto Amato Lusitano como Diogo Pires tenham alcançado rapidamente em Ancona o reconhecimento dos seus méritos nas artes em que ambos se distinguiram. A comprová-lo estão as relações privilegiadas que ambos estabeleceram nos anos passados em Ancona, não só com vários membros da família Nobili, a quem o papa Júlio III havia incumbido

---

<sup>13</sup> Sobre o papel nevrálgico da praça de Ancona no século XVI, cf. Jean DELUMEAU, "Un ponte fra Oriente e Occidente: Ancona nel Cinquecento": *Quaderni Storici* 13 (1970) 26-47.

<sup>14</sup> Sobre os primeiros mercadores portugueses a estabelecer-se em Ancona, cf. Viviana BONAZZOLI, "Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento": Gaetano Gozzi (a cura di), *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII*. Atti del Convegno internazionale organizzato dall'Istituto di storia della società e dello stato veneziano della Fondazione Giorgio Cini (Venezia, Isola di San Giorgio Maggiore, 5-10 giugno 1983). Milano, Edizioni Comunità, 1987, 727-770; V. BONAZZOLI, "Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547": *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002) 9-38; Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghesi di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-II]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011, 189-196.

<sup>15</sup> Sobre a tragédia da família Pires em Ancona, cf. A. M. L. ANDRADE, "Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires": *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 26 (2012) 20-27.



10

da governação do estado papal, mas também com Ambrósio Nicandro de Toledo, professor de línguas clássicas, primeiro em Florença e depois em Ancona, humanista consagrado pela sua edição do *De bello Punico* de Sílio Itálico<sup>16</sup>, dedicada a Lourenço de Médicis.

Tal como sucedera em Ferrara em redor do humanista Lilio Gregorio Giraldi<sup>17</sup>, organiza-se também em Ancona, por volta de meados do século XVI, um círculo literário restrito, que congregava pelo menos quatro figuras de gerações e origens distintas, ligadas por estreitos laços de amizade, de respeito e admiração mútuos: Amato Lusitano, Diogo Pires, Ambrósio Nicandro e Roberto de Nobili<sup>18</sup>, o jovem filho do governador de Ancona. As actividades e as relações estabelecidas entre estes quatro humanistas em Ancona propiciaram, como é nosso objectivo comprovar neste estudo, as condições que conduziram à publicação do primeiro tratado de seguros marítimos escrito por alguém que, à semelhança de Amato Lusitano (Amatus Lusitanus) e de Diogo Pires (Didacus Pyrrhus Lusitanus), tem gravada a sua origem portuguesa na folha de rosto do livro que escreveu (Petrus Santerna Lusitanus).

### 3. MANIFESTAÇÕES DO CÍRCULO HUMANÍSTICO DE ANCONA

As obras de Amato Lusitano, em particular as *Curationum Medicinalium Centuriae*, evidenciam a intensa actividade clínica praticada em Ancona pelo médico albicastrense, fornecendo-nos nomes, datas, locais e outros dados preciosos sobre cada um dos seus inúmeros pacientes, oriundos de

<sup>16</sup> Sillii Italici *Opus de bello Punico secundo summa cura Ambrosij Nicandri castigatum, restitutum multis carminibus quae in alijs desyderantur*. [Impressum Florentiae, opera & sumptu Philippi Iuntae, 1515 mense Martij].

<sup>17</sup> Lilio Gregorio Giraldi colocou Diogo Pires como um dos principais interlocutores dos seus famosos *Dialogi duo de poetis nostrorum temporum* (Ferrara, 1551), tendo cabido ao poeta eborense a apresentação dos poetas portugueses e espanhóis, e ingleses. Assinala-se a publicação de uma edição crítica desta obra, acompanhada de versão italiana: L. G. GIRALDI, *Due dialoghi sui poeti dei nostri tempi*. A cura di Claudia Pandolfi. Presentazione di Walter Moretti. Ferrara, Corbo, 1999.

<sup>18</sup> Cf. P. MESSINA, "De Nobili, Roberto": *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 759-762.

todos os estratos sociais. As relações privilegiadas que Amato manteve com vários membros da família Nobili, por indicação de quem muito provavelmente foi chamado para assistir, em Maio de 1550, o próprio Sumo Pontífice em Roma, comprovam-se directamente nos seus relatos clínicos. Assim, é sabido que Amato assistiu a irmã e o sobrinho do papa Júlio III, respectivamente, Jacoba del Monte<sup>19</sup> e Vincenzo de Nobili<sup>20</sup>, a quem foi dedicado, convém recordá-lo, o tratado de seguros marítimos de Pedro Santerna. Ao próprio governador de Ancona, Amato dedica também o esboço de um tratado sobre a *radix Sinarum*, que tencionava escrever sobre a matéria<sup>21</sup>.

Os contactos com a família Nobili não são exclusivos de Amato Lusitano, pois há notícia de que Diogo Pires mantinha estreitas relações de amizade com Roberto de Nobili, filho do governador de Ancona. O jovem escreve uma carta de Ancona, datada de 20 de Maio de 1552, solicitando um salvo-conduto que permitisse a Diogo Pires, «per essere circonciso»<sup>22</sup>, viajar para Roma sem receio de ser incomodado pela Inquisição. Nessa missiva, dirigida a Pier Giovanni, um procurador paterno em Roma, Roberto de Nobili traça um retrato laudatório das qualidades excepcionais do humanista português, que é, nas suas próprias palavras, «un gran poeta e gran letterato greco e latino»:

Reverendo Pier Giovanni,

Io non vi scrivo troppo spesso, per non aggiungere alle fatiche, che vi da il Signor Padre, ancora le mie. Nondimeno per le cose virtuose, e che apportano onore, e laude, non posso fare, ch' io non vi dia questa briga.

È qui in Ancona un Misser Didaco Pirro Portuguese conosciuto tra gli Uomini letterati, e forse tra le librerie lo conoscete per fama. Egli vien qui quasi ogni giorno insieme con Misser Nicandro, dove non si ragiona mai, se non di lettere; e da loro ragionamenti, e lezioni ne cavo non meno utile, che diletto, talchè abbiamo qui ordinata quasi un' Accademia, e ragionando latino, mi sento molto giovare dalla pratica loro.

Questo Misser Didaco è un gran Poeta, e gran letterato, greco, e latino; e io diletandomi di favorire simili persone, e giovar loro, per quanto si stendono le mie forze, e gli fo molte carezze, e lo trattengo per quanto si conviene.

Esso desideraria, per essere circonciso, aver un salvo condotto da Nostro Signore di potere stare in Roma a sua piacimento, senza pericollo dell' Inquisizione, siccome egli per le sue virtù l' ha ottenuto in molte Città d' Italia.

<sup>19</sup> AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, prima et secunda, multiplici variaque rerum cognitione refertae*. Parisiis, apud Sebastianum Niuellium, 1554 (Cent. II, Curat. 1: *Curatio prima in qua agitur de destillatione calida*).

<sup>20</sup> AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, tertia et quarta hac (quam uides) enchiridii forma nunc primum editae, addito indice copiosissimo*. Lugduni, apud Ioannem Franciscum de Gabiano, 1556 (Cent. IV, Curat. 44: *De stomachi subuersione, nausea et podagra simul affligentibus*).

<sup>21</sup> AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, prima et secunda*, op. cit., (Cent. II, Curat. 31: *Curatio trigesima prima, in qua agitur de methodo et uera regula propinandi decoctum radices Sinarum, pro Iulio III tertio pontifice maximo: ad illustrissimum ac iuxta humanissimum Dominum Vicentium de Nobilibus, Anconae aequissimum praesidem*).

<sup>22</sup> Através desta carta sabe-se que Diogo Pires já era circuncidado aos 35 anos. O rito da circuncisão, para muitos dos judeus portugueses na diáspora, apenas foi praticado em Ferrara, a partir do momento em que se estabeleceram no ducado de Hércules II, no final da década de trinta. Ferrara foi, como é sabido, uma das poucas cidades italianas em que os judeus portugueses puderam assumir publicamente, sem receio de represálias, o culto do judaísmo.

Pertanto intenderete diligentemente, se è cosa facile, e come si potrà fare a compaciarlo di questo suo desiderio, e scriveteme, che in ogni modo lo voglio favorire, a aiutare, attesochè è persona, oltre le lettere, molto gentile, e umana; e convertendolo, como spero, disegno di servirmene, como farò ancora degl' altri, se mai potrò, avendo fermo proposito di vivere, e morire con le persone dotte. Altro non accade dire, se non che voi vi serviate di me in tutte quelle cose, che voglio, perchè non ho minor desiderio di govarvi del Signor mio Padre; e state sano, che Nostro Signore vi consevi.

D' Ancona a 20. di Maggio del 52.<sup>23</sup>

Nesta tertúlia literária participavam quase diariamente Diogo Pires e Ambrósio Nicandro, sendo muito provável que o próprio Amato Lusitano também fizesse parte deste círculo restrito, tanto mais que Ambrósio Nicandro se tornara, além de paciente, um dos seus melhores amigos, desde que o médico albicastrense se instalou em Ancona. O provento Ambrósio Nicandro, professor de línguas clássicas do patriciado anconitano, manteve relações de profunda amizade tanto com Amato Lusitano como com Diogo Pires. As obras de um e de outro espelham sobejamente esta ligação privilegiada, favorecida pela partilha de uma origem comum, já que todos provinham da Península Ibérica, pelo amor da poesia e pelo exercício apaixonado do magistério das línguas clássicas.

Diogo Pires exerceu, com alguma regularidade, uma actividade privada no ensino das línguas e literaturas clássicas, tendo ministrado, nos vários locais por onde peregrinou, aulas particulares para os jovens das classes mais favorecidas. Acrescente-se, ainda, que o humanista português era amigo pessoal ou convivia de perto com vários colegas que desempenhavam o seu magistério em escolas italianas ou ragusinas, de que são exemplo o próprio Ambrósio Nicandro, Angelo Grillo, Antonio Riccoboni, Camillo Camilli ou Pier Vettori.

Com efeito, tanto Diogo Pires como Amato Lusitano demonstram nas suas obras uma profunda e genuína amizade com o humanista toledano, como se procurará verificar de seguida através dos exemplos mais significativos na obra de ambos. Assim, uma carta de Ambrósio Nicandro dirigida a António Barberini, datada de 13 de Fevereiro de 1553, teve honras de prefácio da quarta *Centúria de Curas Medicinai*s. Trata-se de um retrato expressivo das qualidades humanas e profissionais de Amato, dadas a conhecer pelo seu paciente e amigo:

Non multos ab hinc annos uenit in hanc urbem quidam medicus homo minime malus, natione Lusitanus, qui iam pridem commentaria in Dioscoridem scripserat, quae ego uidendi cupidus accepi et legi, quae tamen nunc Venetiis et ex aedibus Scotti sunt edita, in quibus multam et uariam inueni eruditionem: praeter quam enim, quod herbarum, arborum nomina, quae ibi a Dioscoride ponuntur, multis et uariis idiomatis sunt

<sup>23</sup> A carta de Roberto de Nobili foi publicada modernamente por P. KOLENDIĆ, "Nekoliko pesama humaniste Didaka Pira": *Zbornik Istorija Književnosti Srpske Akademije Nauka i Umjetnosti. Odeljenje literature i jezika* 2. Beograd, »Akademija«, 1961, 46. Antes disso, a carta foi apresentada na biografia do cardeal escrita por Bernardino NARO, *Vita del venerabil servo di Dio cardinale Roberto Nobili, bibliotecario della Santa Romana Chiesa, pronepote del sommo pontefice Giulio* 3. Urbino, nella stamperia della ven. cappella del ss. Sacramento per Antonio Fantauzzi, 1728, 10, bem como na edição das obras do humanista Giulio POGIANO, *Epistolae et orationes olim collectae ab Antonio Maria Gratiano nunca ab Hieronymo Lagomarsino...* Volumen I. Romae, excudebat generosus Salomonius bibliopola, 1762, 4-5.

declarata, sunt in his difficilia in medicina loca et docte et prudenter disputata. Quid multis moror, illis commentariis adductus, uolui experiri an scriptorum doctrina cum ipso homine consentiret, deprehendi hominem longe doctiorem quam eius scripta ostendebant, quem coepi amare ob uirtutes, eratque ipsa amabilis re et nomine, uocatur enim Amatus.<sup>24</sup>

‘Não há muitos anos veio ter a esta cidade um médico de modo nenhum insignificante, de nacionalidade portuguesa, o qual em tempos escrevera uns comentários sobre Dioscórides de que eu, muito interessado, ouvira falar e li. Foram agora editados em Veneza na tipografia de Scotto. Neles encontrei muita e variada erudição. Com efeito, além de serem dados a conhecer em muitas e várias línguas os nomes de ervas e árvores que lá são apresentados por Dioscórides, os pontos difíceis em medicina são também examinados com saber e prudência. Detendo-me em vários passos, levado por esses comentários, quis verificar se a ciência dos escritores estava de acordo com o próprio indivíduo, concluindo que ele era muito mais sabedor do que se patenteava no seu trabalho escrito. Daí começar eu a estimá-lo pelas suas qualidades, sendo amável de nome e de facto, pois chama-se Amato.’<sup>25</sup>

Nesta extensa carta, a publicação dos comentários de Amato a Dioscórides mereceu, desde logo, uma recepção muito calorosa da parte de Ambrósio Nicandro, que afirma ter lido em tempos a versão manuscrita, aproveitando para fazer, então, uma recensão muito elogiosa do livro acabado de sair dos prelos venezianos<sup>26</sup>. As referências ao humanista toledano ocorrem também no próprio livro de comentários a Dioscórides (Veneza, 1553), quando Amato, a propósito do lódão<sup>27</sup>, afirma ter sido o próprio Ambrósio Nicandro, «uir doctissimus et humanissimus», quem lhe mostrou esta planta, pela primeira vez, durante um passeio em Ancona, na aprazível colina de São Ciriaco<sup>28</sup>.

Do mesmo modo, a obra poética de Diogo Pires também evidencia, em duas ocasiões, as excelentes relações que este mantinha com Ambrósio Nicandro. Assim, num poema dedicado *Ad Nicandrum*<sup>29</sup>, integrado na colectânea poética *Cato Minor*, o humanista português lamenta-se de não ter podido visitar o amigo, em Ancona, em razão de uma febre que o assaltara. Mais significativo, ainda, é o facto de uma das dez odes de pendor horaciano que integram os *Lyrice*, no mesmo livro, dirigidas a figuras das relações do poeta eborense, ter sido dedicada também a Ambrósio Nicandro.

<sup>24</sup> AMATO LUSITANO, *Amati Lusitani doctoris medici praestantissimi curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refertae et in hac ultima editione recognitae et valde correctae*. Burdigalae, ex typographia Gilberto Vernot, 1620, 359.

<sup>25</sup> Reproduz-se a tradução das *Centúrias de Curas Medicinais* de Amato Lusitano (Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, vol. III, pp. 9-10), da autoria de Firmino CRESCO, a quem se deve a tradução integral desta obra, feita a partir da edição completa das sete centúrias, publicada em Bordéus, em 1620.

<sup>26</sup> Alguns anos mais tarde, o médico Pietro Andrea MATTIOLI tornava pública a sua reacção violenta a esta obra de Amato Lusitano com a publicação da *Apologia adversus Amatum* (Veneza, 1558).

<sup>27</sup> *In Dioscoridis*, op. cit., 148 (Lib. I, en. 153: *De loto*).

<sup>28</sup> Acerca da rara beleza deste local, muito procurado no tempo de Amato, recomenda-se a leitura dos comentários eruditos de Mario SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991, 78-81.

<sup>29</sup> Diogo PIRES, *Cato Minor siue disticha moralia ad Ludimagistros Olysiipponenses [...]*. Venetiis, apud Felicem Valgrisium, 1596, 162.

# TRACTATUS PERUTILIS ET QUOTIDIANUS, DE ASSECU-

RATIONIBUS ET SPONSIONIBUS MER-

CATORUM à D. PETRO SANTER-

NA LUSITANO J. C.

D. EDITUS.

DE SPONSALIBVS MERCATORVM,

PRIMA PARS.

## SUMMARIUM.

- 1 *Mercatores maris pericula pensitantes, an res suas in casu adverse fortuna per stipulationem tueri possint.*
- 2 *Conventio, qua unus alterius infortunium in se suscipit, pretio periculi convento an licita sit habenda.*
- 3 *Assecurationis materia, an in terris maritimis sit practicabilis.*
- 4 *Qui res suas per mare deferri patitur, an depauperari dicatur.*
- 5 *Conventio qua quis pretium periculi in se sumit, an de jure valida sit censenda.*
- 6 *Assumere periculum simpliciter in se, non facit illicitam stipulationem.*
- 7 *Assecurationis stipulatio an sit contractus nominatus vel innominatus.*
- 8 *In contractibus innominatis, an susceptio periculi facit illicitam conventionem.*
- 9 *In mutuo semper usura est prohibita secundum canonicos & Theologos.*
- 10 *Distinctio certa circa materiam cap. final. de usur.*
- 11 *Cap. fin. de usur. quomodo à Docto. intelligatur.*
- 12 *Si mutuans pecuniam recipit pretium periculi, & ipsam assecuravit, nec constat de animo, an is ut usurarius sit judicandus.*
- 13 *Animus semper in dubiis bonus presumitur.*
- 14 *Verbum, Censemus, an significat judicare.*
- 15 *Dictio, quoque, an sit implicativa sequentium.*
- 16 *Papa an judicet de occultis.*
- 17 *Intellectus novus cap. fin. mente tenendus.*
- 18 *Verus sensus cap. fin. & communis secundum Doct.*
- 19 *An Papa loquatur in casibus dubiis.*
- 20 *Papa an judicet aliquem in dubio usurarium.*
- 21 *In dubiis an presumatur delictum.*
- 22 *In dubiis semper debemus presumere factum eo modo quo licet.*
- 23 *Facta semper debent intelligi esse concepta bono animo.*
- 24 *Una presumpcio aliam tollit.*
- 25 *Dictiones, quoque, & alix aliquando stant improprie.*
- 26 *Recipiens pecuniam causa portandi ultra mare, si pretium in se accipit, an usurarius sit judicandus.*
- 27 *Omnis usura etiam nautica est prohibita.*
- 28 *Susceptio periculi in se non facit illicitam conventionem.*

## PARS PRIMA.

Variis atque assiduis Mercatorum illecebris adductus ego Petrus Santerna Lusitanus utriusque Juris Doctor, ut opusculum de assecurationibus & sponcionibus mercatorum, quæ vulgari sermone Apostolæ nuncupantur, conficerem: et si mihi rem fore arduam,

As breves linhas que precedem o poema traçam um curioso esboço biográfico do humanista espanhol, falecido com mais de 70 anos, durante o pontificado de Paulo IV:

Nicander, homo Hispanus Toleti natus, in miserabili illa sub Borbonio Urbis direptione, bona admisit. Inde in agrum Picenum ueniens, Anconitanam iuuentutem aere publico Graece et Latine docuit. Celebrauit heroico carmine, quod postea edidit, D. Cyriacum illius urbis praesidem atque custodem; moritur septuagenario maior sub Caraffa Pontifice Maximo.<sup>30</sup>

‘Nicandro, de origem espanhola, nascido em Toledo, perdeu os bens no tristemente célebre saque de Roma, às ordens de [Carlos III de] Bourbon. A seguir, vindo para os campos de Piceno, instruiu com salário público a juventude anconitana na Língua Grega e Latina. Celebrou em carne heróico, que depois publicou<sup>31</sup>, São Ciríaco, patrono e protector daquela cidade; morre com mais de setenta anos sob o pontificado de Caraffa.’

Nesta ode, Diogo Pires celebra a morte do seu querido amigo, desterrado em terra alheia, à semelhança do que fez mais tarde no epitáfio a Amato Lusitano<sup>32</sup>. A condição de desterrados, afinal, unia estes três amigos na Ancona de Quinhentos.

## **AS CONEXÕES COM O *TRACTATVS DE ASSECVRATIONIBVS ET SPONSIONIBVS MERCATORVM* DE PEDRO SANTERNA**

Até à recente publicação do estudo de Domenico Maffei<sup>33</sup>, pouco ou nada se sabia sobre a figura de Pedro Santerna Lusitano, o ilustre autor do tratado de seguros, publicado em Veneza, em 1552, a não ser o que se podia deduzir da própria obra<sup>34</sup>. Maffei, porém, apresentou novíssimos dados sobre o autor e sobre a génese desta obra, em resultado da descoberta e estudo minucioso de um manuscrito do tratado de Santerna, à guarda da Biblioteca Apostólica Vaticana, datado de 1488<sup>35</sup>. Além disso, este historiador do direito comprovou também que Pedro Santerna foi aluno

<sup>30</sup> *Cato Minor*, op. cit., 189-191.

<sup>31</sup> Ambrósio Nicandro publicou, de facto, um pequeno livro de poesia em honra de São Ciríaco, de grande raridade, cuja descrição é a seguinte: *Crux inuenta. Cyriacus discruciatas. Addita est aedis Lauretanae origo*. [Imprimebat Anconae: Gennadius de Monteferrato mag. sen. Anconitani impressor: curarunt tamen imprimendum sumptu publico clariss. ciues Ioan. Baptista Benincasa, Iac. Angelus equites splendidiss. & Iac. Boncamb. Fredduc. IIII viri ab expensis Anconitanae reip., III K. Aprilis 1532].

<sup>32</sup> Para uma análise literária da ode a Nicandro e de outros poemas de Diogo Pires, em que a presença da morte é dominante, cf. Carlos Ascenso ANDRÉ, *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva, 1992, 404-409. A edição e tradução do epitáfio de Amato foram publicadas por Américo da Costa RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal* (antologia). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – I.N.I.C., 1985, 216-217.

<sup>33</sup> D. MAFFEI (1982) 703-728.

<sup>34</sup> Uma relação pormenorizada das edições do tratado de Pedro Santerna, tanto independentes como em conjunto com o *De mercatura seu de mercatore tractatus* de Benvenuto Stacca, pode ser encontrada em D. MAFFEI (1982) 716-718, n. 32. A este respeito, veja-se também a nótula de M. L. SOARES (1995) 99-101.

<sup>35</sup> Ms. Vat. Lat. 5922 (*Tractatus de assecurationibus et fideiessionibus mercatorum do: lusitani*). Veja-se a descrição e análise minuciosa do manuscrito do tratado de Pedro Santerna em D. MAFFEI (1982), *maxime* 704-706 e 728.

na Universidade de Perugia, uma vez que foi escolhido, juntamente com o seu colega Tommazo Diplovatazio, pelo mestre Baldo Bartolini como testemunha do doutoramento do seu filho Mariano Bartolini, em Junho de 1489<sup>36</sup>. Estes são os primeiros dados externos ao tratado, publicado em letra de forma muito depois da sua composição, que permitem integrar, pela primeira vez, o seu autor num tempo e num espaço específicos.

Entre a redacção do manuscrito do tratado de Pedro Santerna (1488) e a sua primeira edição (Veneza, 1552), transcorreram cerca de 64 anos, tendo-se entretanto perdido o rasto do seu autor, muito provavelmente em consequência da sua morte. Convém, pois, indagar que razões terão estado por detrás do reaparecimento do tratado do jurisconsulto português, em meados do século XVI, nas mãos de uma família de Ancona, e terão favorecido a sua edição e publicação. Procurar-se-á, tanto quanto possível, dar resposta a estas questões, à luz do estudo das relações existentes entre o editor e o dedicatário do tratado, por um lado, e os elementos do círculo literário já descrito, por outro, sobretudo no que concerne aos dois membros da família Pires, Amato Lusitano e Diogo Pires, e a Ambrósio Nicandro de Toledo.

O tratado de Pedro Santerna apresenta uma dedicatória, dirigida a Vincenzo de Nobili, governador de Ancona, assinada por um quase desconhecido Gianbattista Trionfi (Ioannes Baptista Triumphus), advogado de Ancona. O dedicatário apresenta-se, inequivocamente, como editor do tratado, afirmando ter consagrado muito do seu tempo e esforço («una cum nonnullis meis laboribus ac uigiliis») a preparar a edição do livro do jurisconsulto português. Por outra parte, Benvenuto Stracca, famoso advogado anconitano, publica o célebre *De mercatura seu de mercatore tractatus*<sup>37</sup>, em 1553, no ano seguinte ao do jurisconsulto português. Nesta obra, afirma ter tido conhecimento do manuscrito do tratado de Pedro Santerna, de que faz inclusivamente uso em algumas passagens. O tratadista anconitano permite-se, aliás, tecer algumas considerações sobre a melhor forma de editar o manuscrito, revelando tê-lo consultado com o consentimento do possuidor, o reverendo Pietro Trionfi<sup>38</sup>. A verdade, porém, é que essa tarefa coube ao seu colega Giambattista Trionfi, «aduocatus Anconae ac Doctor minimus».

Convém notar que Benvenuto Stracca, nascido numa família de mercadores, é figura bem conhecida de Ambrósio Nicandro, porquanto foi um dos alunos do humanista toledano<sup>39</sup>. O tratado *De mercatura seu de mercatore* abre precisamente com dois poemas laudatórios de Ambrósio

<sup>36</sup> Cf. D. MAFFEI (1982) 709-710. As referências feitas no esboço autobiográfico de Diplovatazio comprovam a participação do português como testemunha do doutoramento e, além disso, atribuem-lhe, sem margem para dúvidas, a autoria do tratado de seguros marítimos («...electus fui ab ipso domino Baldo insimul cum domino Petro Portugalensi doctissimo scholari, qui tractatum de securitate navium composuit...»).

<sup>37</sup> B. STRACCA, *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553. Esta é a primeira edição deste célebre tratado, que foi publicado várias vezes em conjunto com o de Pedro Santerna, a partir de 1556.

<sup>38</sup> Para uma análise deste passo e das variantes nas diversas edições do tratado de Benvenuto Stracca, cf. D. MAFFEI (1982) 718-719, n. 34.

<sup>39</sup> Cf. M. SANTORO (1991) 27.

Nicandro, que atribui ao antigo discípulo o título de «honor Anconae et gloria rara fori»<sup>40</sup>. É claro que Stracca não podia desconhecer o círculo literário, em cujo centro estava o seu velho mestre de línguas clássicas, como não podia desconhecer a existência em Ancona de um conjunto alargado de famílias de mercadores portugueses de grosso trato, com larga experiência, adquirida nas maiores praças do velho e do novo mundo. Diogo Pires e Amato Lusitano, o poeta e o médico, pertencem a uma dessas famílias, em cuja direcção esteve até à morte, nos autos-de-fé de Ancona, em 1556, o mercador Henrique Pires<sup>41</sup>.

Benvenuto Stracca conhece, de facto, os elementos do círculo literário referido. A comprovação surge, inequívoca, num texto do próprio jurisconsulto anconitano, a que até agora não se havia prestado a devida atenção<sup>42</sup>. Trata-se da dedicatória do *De nautis, nauibus et navigatione tractatus*<sup>43</sup> ao jovem Roberto de Nobili, que estava prestes a ascender à púrpura cardinalícia (22/12/1553), sendo mais tarde um dos primeiros bibliotecários da Biblioteca Apostólica Vaticana, nomeado por Paulo IV (1555-1559)<sup>44</sup>. É sabido que Vincenzo de Nobili pretendeu proporcionar ao filho uma esmerada educação humanística, servindo-se para isso de alguns mestres de renome, como Ambrósio Nicandro, Giulio Pogiani, Girolamo Ponzio e Dionisio Lippio. Nesta dedicatória, Stracca tece rasgados elogios ao jovem que se faz rodear de homens das letras. O próprio Roberto de Nobili o diz, como vimos antes, na carta ao procurador paterno em favor de Diogo Pires. Porém, é muito significativo que sejam nomeadas na dedicatória de Stracca apenas três figuras centrais na formação humanística do distinto discípulo, estando à cabeça Ambrósio Nicandro, seguido do próprio Diogo Pires e de Dionisio Lippio<sup>45</sup>:

Habes namque praeceptores optimos doctissimosque uiros et famae haud obscurae, Nicandrum Toletanum, Didacum Lusitanum<sup>46</sup> et Dionysium, habes aetatem oportunnissimam, etenim in graecarum

<sup>40</sup> B. STRACCA, *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553, fl. \*1v.

<sup>41</sup> Sobre a acção determinante desta figura destacada da Nação Portuguesa, cf. A. M. L. ANDRADE, "Pires, Henrique": *Dizionario storico dell'Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. III, 1225.

<sup>42</sup> Refira-se, porém, que este texto foi mencionado de passagem a propósito de Ambrósio Nicandro, ainda que sem a identificação do *Didacus Lusitanus*, na obra de Francisco Javier LAMPILLAS, *Ensayo historico-apologético de la literatura española contra las opiniones preocupadas de algunos escritores modernos italianos...* Parte segunda de la literatura moderna. Tomo segundo traducido del italiano al español por D<sup>ña</sup>. Josefa Amar y Borbon. Zaragoza, en la oficina de Blas Miedes, 1784, 317.

<sup>43</sup> Este tratado integra o *De mercatura, seu de mercatore tractatus* (Veneza, 1553, 123r-171r), não possui frontispício independente, mas tem dedicatória própria.

<sup>44</sup> Roberto de Nobili é o segundo cardeal bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana, onde curiosamente se encontra o manuscrito do tratado de Pedro Santerna.

<sup>45</sup> Identificamos o "Dionysium" referido na dedicatória com o humanista Dionisio Lippio, preceptor de Roberto de Nobili.

<sup>46</sup> Deve notar-se que o gentílico *Lusitanum*, associado ao nome de Diogo Pires na primeira edição do tratado de Stracca (Veneza, 1553), surge corrompido em várias edições subsequentes, sob a forma *Lusitandum*, nomeadamente nas duas saídas a lume em Lião, em 1556. Não nos surpreenderia que houvesse nesta alteração o propósito de dissociar o nome do poeta português tanto da obra do jurisconsulto anconitano quanto da figura do jovem cardeal, na sequência do longo e conturbado processo que conduziu aos autos-de-fé dos cristãos-novos portugueses no final da Primavera de 1556. Entre as quase três dezenas de mártires, estava Henrique Pires, o pai de Diogo Pires e tio de Amato Lusitano.

latinarumque litterarum studio tantum profecisti quantum ea aetate nemo unquam alius habes parentem tui cupidum atque amantissimum, et qui te semper ad bona studia hortatur et monet...<sup>47</sup>

‘Tens, é certo, óptimos e doutíssimos preceptores e de não obscura fama, Nicandro de Toledo, Diogo [Pires] Lusitano e Dionisio [Lippio], tens, na verdade, uma idade muito favorável, tiveste êxito no estudo das letras gregas e latinas, tanto quanto nesta idade nunca alguém logrou alcançar, tens um pai amigo e que muito te ama e que sempre te exorta e incita aos bons estudos...’

Voltemos, agora, a nossa atenção para o tratado de Pedro Santerna, em particular para a figura de Gianbattista Trionfi, sem nunca perdermos de vista os restantes dados desta complexa equação, cuja solução se encontrará, decerto, algures na aprazível cidade de Ancona de meados de Quinhentos. As figuras do editor do tratado (Gianbattista Trionfi) ou do possuidor do manuscrito (Pietro Trionfi), que partilham o mesmo apelido, não foram, que saibamos, identificadas com precisão, mas é muito provável que façam parte da mesma família<sup>48</sup>. Muito menos se sabe como é que o manuscrito do tratado surge nas mãos desta família anconitana, apesar de haver quem sugira, embora sem fundamento documental, que Pedro Santerna teria sido um agente da família Trionfi, a qual teria ficado, por isso, na posse do manuscrito<sup>49</sup>.

Não temos a pretensão, evidentemente, de conseguir esclarecer totalmente as muitas dúvidas em que está envolvido o percurso do manuscrito e o seu autor. Estamos em crer, porém, que a resposta a estas e outras questões advirá do avanço do conhecimento sobre o estabelecimento e as actividades da Nação Portuguesa de Ancona, após a perda definitiva da independência do ducado, com a passagem ao domínio papal, em 1532.

Alguns anos antes de Hércules II ter procurado atrair para os seus domínios os mercadores cristãos-novos portugueses, estantes nas praças do norte da Europa, as autoridades responsáveis pelo novo estado papal desencadearam algumas acções semelhantes, embora de menor dimensão, junto dos mesmos destinatários. Os predecessores de Paulo IV, interessados sobremaneira no desenvolvimento económico de Ancona, favoreceram a vinda dos cristãos-novos portugueses para a cidade dórica através da concessão de privilégios e liberdades assinaláveis<sup>50</sup>. Entre 1532 e 1533, houve várias famílias que responderam afirmativamente aos primeiros apelos, materializados na carta-patente do cardeal Benedetto Accolti a favor dos mercadores «Levantini, Turchi, Greci, Ebrei»<sup>51</sup>, tendo enviado para Ancona representantes das suas casas comerciais, cuja sede estava,

<sup>47</sup> *De nautis, nauibus et nauigatione tractatus*: B. STRACCA, *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553, 133v.

<sup>48</sup> Vejam-se os escassos dados coligidos e as hipóteses colocadas por D. MAFFEI (1982) 716-723, em particular as notas 34 e 39.

<sup>49</sup> Filippo M. GIOCHI – Alessandro MORDENTI, *Annali della tipografia in Ancona. 1512-1799*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1980, xlvii (Sussidi eruditi, 35).

<sup>50</sup> Sobre os privilégios atribuídos aos cristãos-novos portugueses pelos antecessores de Paulo IV, cf. A. TOAFF (1989) 115-137; S. SIMONSOHN (1985) 234-267; Renata SEGRE (1985) 130-132; A. di LEONE LEONI (2000) 47-54 e 65-68; V. BONAZZOLI (2001-2002) 9-11.

<sup>51</sup> A carta-patente do cardeal Benedetto Accolti, primeiro governador pontifício de Ancona, em 1532, foi publicada por P.-M.-N.-J. GÉNARD (s. d., circa 1870) 247-249 (*Vrijbrief van Kardinaal Benedictus de Accoltis – 21/09/1532*); A. di LEONE LEONI (2000) 87-88, doc. 1.

então, estabelecida na Flandres, em Inglaterra ou mesmo em Portugal. A família Pires foi uma das primeiras a estabelecer-se em Ancona, em 1533, através da viúva Dona Guiomar, quando Henrique Pires ainda permanecia em Portugal na companhia do filho, Diogo Pires, e do sobrinho, Amato Lusitano. Esta deslocação de pessoas e de capitais para Ancona e o início imediato das operações comerciais exigiram, naturalmente, a aquisição e a contratação de um conjunto de bens e serviços junto das entidades existentes na cidade, mormente junto de notários, advogados e tribunais, para registo e salvaguarda dos interesses e dos negócios dos mercadores recém-chegados<sup>52</sup>. Nos anos seguintes, a comunidade judaico-portuguesa foi crescendo e ganhando uma importância e notoriedade cada vez maior, fruto da sua notável capacidade, experiência e perfeita articulação em intrincadas redes familiares, que operavam activamente nas maiores praças, desde Portugal até ao Império Otomano.

Ora, os contactos entre mercadores da Nação Portuguesa e vários membros da família Trionfi, a que pertence o editor do tratado, recuam até 1532, quando em Janeiro desse ano o mercador Gomes Rodrigues de Lisboa «acquistò dal mercante Gerolamo Trionfi una casa sita in Ancona in parrocchia San Nicola (vicino alla sinagoga degli Ebrei italiani), al prezzo di 800 scudi d'oro»<sup>53</sup>; em 1539, o mesmo Gerolamo Trionfi de Ancona assume uma dívida para com Fernando Álvares, como forma de pagamento de «pannillani detti di Carcassona» adquiridos ao mercador português<sup>54</sup>; em 18 de Fevereiro de 1552, o nome do mercador Antonio Trionfi surge num extenso rol de credores cristãos e judeus de uma sociedade falida (mais de 70% dos créditos eram detidos por judeus portugueses)<sup>55</sup>; em Março de 1555, o mesmo mercador anconitano surge como fornecedor de tecidos importados ao cristão-novo português Jacob Mozzo, agente de Beatriz de Luna e um dos mártires dos autos-de-fé de 1556<sup>56</sup>. Mais significativo, ainda, é o facto de Estêvão Pires, «Ancone degens», em Agosto de 1540, ter nomeado como procurador o mercador Giovanni Trionfi de Ancona (nome quase igual ao do editor), para o representar numa causa contra Bernardo Rodrigues<sup>57</sup>. Importa notar que Estêvão Pires (primo de Amato e de Diogo Pires) é, juntamente com Henrique Pires, um dos líderes da Casa Pires, tendo representado superiormente os interesses da família em

<sup>52</sup> Sobre os traços característicos da cultura comercial da comunidade judaico-portuguesa de Ancona, marcada pelo «ricorso al notariato per la registrazione di costituzioni di società, trasferimenti di obbligazioni, stipulazioni di contratti di assicurazione o di cambio, vendite a termine, fideiussione, ecc.», cf. V. BONAZZOLI (1987) 740-746.

<sup>53</sup> Archivio di Stato di Ancona, not. A. Pavesi, reg. 950, fl. 15v: *Emptio Domus Gomes Rodrigues Hispani*. Sobre os pormenores deste contrato, cf. A. di LEONE LEONI (2000) 29. Sobre o percurso e actividades do mercador Gomes Rodrigues de Lisboa, cf. A. di LEONE LEONI (2011) 164-167; V. BONAZZOLI (2001-2002) 10-13. Esta investigadora refere-se a Gerolamo Trionfi como «esponente ragguardevole del patriato mercantile anconetano».

<sup>54</sup> Cf. V. BONAZZOLI (2001-2002) 20, n. 47.

<sup>55</sup> Cf. V. BONAZZOLI (1987) 728 e 750-751, n. 10.

<sup>56</sup> Cf. A. di LEONE LEONI (2011) 201, n. 83.

<sup>57</sup> Cf. A. di LEONE LEONI (2011) 269 e 677, doc. 161; V. BONAZZOLI (2001-2002) 33.

Antuérpia, onde recebeu em finais de 1534 o próprio Amato Lusitano, saído de Portugal por ordem do tio materno, Henrique Pires<sup>58</sup>.

Não sabemos, é certo, qual a relação exacta entre todos estes mercadores anconitanos e Gianbattista Trionfi, o editor do tratado de Pedro Santerna, mas é muito provável que estejamos na presença da mesma família, pois todos são naturais da cidade dórica e partilham o apelido Trionfi. Coloca-se também a hipótese de o mercador Giovanni Trionfi poder ser identificado com o editor, dada a semelhança entre os nomes de ambos<sup>59</sup>. Seja como for, o editor Gianbattista Trionfi não desconheceria nem os principais nomes da comunidade judaico-portuguesa, que operavam na cidade há décadas e eram presença quotidiana junto dos notários e advogados da praça, nem, como é forçoso, os membros do já referido círculo literário, a que o seu colega Benvenuto Stracca alude na dedicatória a Roberto de Nobili.

As nossas suspeitas de que o mercador Giovanni Trionfi possa ser identificado com o editor do tratado de Pedro Santerna (Ioannes Baptista Triumphus) adensam-se por haver notícia da existência de um advogado também chamado Giovanni Trionfi. Com efeito, em 1542, o mercador Sebastião Rodrigues Pinto, em Ferrara, nomeia como procuradores o advogado Giovanni Trionfi e o judeu português Iacob Gabalho para o representarem na disputa com Francisco de Oliveira, residente em Ancona, delegando poderes para que ambos pudessem intervir em seu nome diante do prefeito ou do governador desta cidade<sup>60</sup>. Sebastião Rodrigues Pinto, membro de uma notável família de cristãos-novos portugueses, proveniente da comunidade de Londres<sup>61</sup>, estabelece-se em Ferrara no início da década de 40, onde intervém mais tarde a favor dos Pires junto de Hércules II, garantindo dessa forma o pagamento das dívidas resultantes da falência da sociedade comercial entre Henrique e Estêvão Pires e o próprio duque. Ainda em Ferrara, Diogo Pires publica, no seu primeiro livro de poesia, uma carta<sup>62</sup>, datada dos Idos de Janeiro de 1542, dirigida ao próprio Sebastião Rodrigues Pinto, em casa de quem afirma ter recitado o extenso poema *Caroli V Imperatoris ex Algeria urbe reditus*<sup>63</sup>, inspirado no regresso de Carlos V de Argel.

<sup>58</sup> Sobre a forma como Amato Lusitano abandonou Portugal rumo a Antuérpia, onde foi acolhido por Estêvão Pires e alvo de um processo, acusado de emigração ilegal, em finais de 1534, cf. A. M. L. ANDRADE, "Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia": I. O. CASTRO – V. ANASTÁCIO (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, 9-49.

<sup>59</sup> No que respeita à onomástica italiana, convém recordar que Gianbattista Trionfi é igual a Giovanni Battista Trionfi (Ioannes Baptista Triumphus), que pode ser o mesmo que simplesmente Giovanni Trionfi.

<sup>60</sup> Cf. A. di LEONE LEONI (2011) 269 e 677, doc. 161.

<sup>61</sup> Sobre a constituição e actividades comerciais da poderosa família Pinto por toda a Europa, cf. V. BONAZZOLI (2001-2002) 13-14; A. di LEONE LEONI (2011) 296-299.

<sup>62</sup> Diogo PIRES, *Carminum Liber Vnus. Ferrariae*, apud Franciscum Rubrium, 1545, fls. Aiiiiv-Aiiiiiv.

<sup>63</sup> *Carm.*, fls. Biv-Ciiii.



A Bastione del castello	N Porcella di S <sup>ta</sup> Agostina	FB Cantinero all'arsenale	OO Porcella
B La Alcazar	O Bastione di S <sup>ta</sup> Ag <sup>ta</sup>	CC Lago d'acqua	PP La laggia di mercanti
C Bastione di S <sup>ta</sup> Maria	F La Piazza di mercato	DD La darsena	QQ Porcella alla loggia
D Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	Q Il Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	EE Il bastione di S <sup>ta</sup> Chiara	RR Porcella della beccaria
E La casa della	R La Piazza di S <sup>ta</sup> Chiara	FF La porta del porto	S Porta Pia
F La Rocca	S Il Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	GG Cantinero di S <sup>ta</sup> Chiara	1 S <sup>ta</sup> Chiara detta vecchia
G Rocca di capo di monte	T La Piazza di S <sup>ta</sup> Chiara	HH Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	2 Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara vecchia
H La Rocca	V Il Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	II Porcella di S <sup>ta</sup> Chiara	3 S <sup>ta</sup> Chiara
I Casa di S <sup>ta</sup> Chiara	X Il Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	KK Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	4 S <sup>ta</sup> Chiara
K Porta di S <sup>ta</sup> Chiara	Y Il Palazzo di S <sup>ta</sup> Chiara	LL Del S <sup>ta</sup> Chiara	5 S <sup>ta</sup> Chiara
L Chiesa di S <sup>ta</sup> Chiara	Z D <sup>na</sup> S <sup>ta</sup> Chiara	MM Porcella di S <sup>ta</sup> Chiara	6 S <sup>ta</sup> Chiara
M Porcella di S <sup>ta</sup> Chiara	AA L'arsenale	NN Porcella nuova	

ANCONA ciuitas Piceni cel  
 Adriaticum posita, nobilissimo p  
 non extat in tota Italia comm  
 Nomen habet à situ, qui cubiti  
 Mercaturà est infionis frum  
 vino, reliquisq; ad humanum e  
 vetus fatem undique redolet



eberrima, ad mare  
 ortu est ornata, quo  
 odior neq; capacios.  
 flexuram refert,  
 ento abundat et  
 nifum necessarijs,

- |                                 |  |                        |                       |
|---------------------------------|--|------------------------|-----------------------|
| 7 S. Basilio                    | 19 S. M <sup>o</sup> all' misericordia             | 31 S. Rosa             | 33 S. Aile            |
| 8 S. Maria noua                 | 20 S. Spirito                                      | 32 S. Agostino         | 34 S. Giovanni decola |
| 9 S. Catarina                   | 21 S. Primitiu                                     | 33 S. Leny             | 35 S. Christopho.     |
| 10 S. Taulo                     | 22 S. Giorgio                                      | 34 S. Lucio            |                       |
| 11 S. Antonio                   | 23 S. Pietro                                       | 35 S. iderata uip.     |                       |
| 12 S. Sebastiano                | 24 S. Matteo                                       | 36 S. Francesco zecoli |                       |
| 13 Lospirale all' P. alla morte | 25 Lu. Triconnata                                  | 37 S. Martino          |                       |
| 14 S. Anna                      | 26 S. M <sup>o</sup> alle P. rana                  | 38 S. Maria bel verde  |                       |
| 15 S. Franc <sup>o</sup>        | 27 S. M <sup>o</sup> alle P. rana                  | 39 S. Marco            |                       |
| 16 Caspale vecchio              | 28 S. M <sup>o</sup> misericord <sup>e</sup> morte | 40 S. Luca             |                       |
| 17 S. Pellegrino                | 29 S. Nicolo                                       | 41 S. Claudio bualia   |                       |
| 18 S. Nesiana                   | 30 Il corpo d' A. P.                               | 42 S. Giovanni         |                       |

Cum Privilegio

ANCONA NA 2<sup>a</sup> METADE DO SÉC. XVI.  
 IN  
 BRAUN, GEORG, ET AL. - CIVITATES ORBIS  
 TERRARVM: LIBER PRIMVS [-TERTIVS].  
 COLONIAE AGRIPPINAE: APVD  
 GODEFRIDVM KEMPENSEN, 1582.  
 BPMP RES-XVI-C-4

Não é de excluir a possibilidade de tanto o mercador como o advogado, ambos nomeados como Giovanni Trionfi, serem a mesma pessoa. Alguns anos mais tarde, em meados da década de 50, estão atestadas mais ocorrências deste mesmo nome, desta feita atribuído a um indivíduo associado à representação e defesa dos superiores interesses da cidade de Ancona. A ascensão de Paulo IV, no final da Primavera de 1555, trouxe uma profunda alteração na política da Cúria romana, até então favorável aos cristãos-novos portugueses estabelecidos há mais de duas décadas no estado papal<sup>64</sup>. No dia 25 de Maio de 1555, Giovanni Trionfi foi um dos embaixadores enviados a Roma, em representação de Ancona, para festejar a ascensão ao sólio pontifício do cardeal Caraffa<sup>65</sup>. Pouco tempo depois, em meados de Agosto, quando estavam já em marcha as primeiras detenções, torturas e interrogatórios dos mercadores portugueses, a mando dos comissários pontifícios, o “Consiglio di Ancona”, perante a difícil situação que se vivia na cidade, decidiu enviar a Roma o mesmo Giovanni Trionfi, para rogar ‘la conservatione et utile delle nostre doane, mercantie, traffico et commercio’<sup>66</sup>.

As relações comprovadas entre os mercadores portugueses, incluindo a família Pires, e o advogado/mercador Giovanni Trionfi, bem como o aparecimento de um outro Giovanni Trionfi em defesa dos interesses de Ancona (e dos próprios mercadores portugueses que viram os seus bens apresados pelos comissários pontifícios) revelam uma grande proximidade entre a comunidade judaico-portuguesa e a família Trionfi. Admitimos que mercador, advogado e embaixador podem ser a mesma pessoa, não excluindo mesmo que seja o próprio editor do tratado de Pedro Santerna<sup>67</sup>. As relações muito próximas entre os mercadores portugueses e a família Trionfi justificam, de alguma forma, que a edição do tratado seja entregue ao cuidado do advogado Gianbattista Trionfi, em detrimento do seu colega Benvenuto Stracca. Não consideramos descabido que o próprio manuscrito do tratado de Pedro Santerna possa ter chegado às mãos da família Trionfi através dos judeus portugueses estabelecidos em Ancona, desde o início da década de trinta. É muito provável, até, que possam ter sido mercadores portugueses a insistir com Gianbattista Trionfi para que este editasse um tratado, cuja utilidade se mantinha bem actual, não obstante as várias dezenas de anos transcorridas desde a sua redacção. A comunidade judaico-portuguesa tinha um interesse prático na edição do tratado e tinha condições para o patrocinar, tanto mais que o livro havia sido escrito por um conterrâneo. E, neste aspecto, convém não descurar a influência que os membros

<sup>64</sup> A bibliografia exaustiva sobre a perseguição e a condenação dos judeus portugueses, em Ancona, sob o pontificado de Paulo IV, pode ser encontrada em P. C. IOLY ZORATTINI (2001-2002) 39-40, n. 2. Mais recentemente, A. di LEONE LEONI (2011) 487-523, dedicou dois capítulos da sua obra monumental à tragédia de Ancona.

<sup>65</sup> Cf. R. SEGRE (1985) 130-132. Os embaixadores de Ancona, Angelo Ferretti e Giovanni di ser Calisto Trionfi, são descritos como «Membri di due fra le principal famiglie del patriziato anconetano» (131, n.1).

<sup>66</sup> Cf. R. SEGRE (1985) 138-140.

<sup>67</sup> Estamos em crer que uma investigação mais aprofundada no âmbito da história da cidade, em particular nos valiosos fundos do Arquivo de Estado de Ancona, poderá fornecer respostas mais concretas sobre a família Trionfi.

do círculo literário, sobretudo Diogo Pires e Ambrósio Nicandro, devem ter exercido para que o tratado de Pedro Santerna viesse a lume, tanto junto da comunidade judaico-portuguesa como das mais altas autoridades da cidade, com quem privavam.

## 5. CONCLUSÃO

A experiência e o saber que estes mercadores detinham no comércio internacional eram notáveis, fosse nos tradicionais produtos portugueses<sup>68</sup>, fosse nos que provinham dos novos domínios, e desenvolveram-se bastante com o início da expansão, ainda no século XV, alcançando o apogeu com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1498. Assim se compreende que o emporio de Lisboa seja uma referência central no tratado de Pedro Santerna, como é compreensível que nunca surja referenciada expressamente a praça de Antuérpia, numa época em que as diversas nações de mercadores estavam ainda estabelecidas sobretudo em Bruges<sup>69</sup>.

Seja no tempo em que o tratado de Pedro Santerna foi redigido (1488), seja no tempo em que foi editado (1552), as actividades marítimas estiveram sempre no centro do negócio, do poder e do saber. Houve, por isso, significativos avanços científicos em várias artes, ciências e técnicas, directa ou indirectamente relacionadas com a navegação e com o comércio, numa época em que Portugal, na feliz expressão camoniana, dava novos mundos ao mundo. Os humanistas portugueses deram, como é evidente, um contributo decisivo num tempo em que a modernidade despontava. Aqui se inscreve o notável contributo do juriconsulto Pedro Santerna, homem de negócios e diplomata, que compõe o tratado de seguros marítimos<sup>70</sup> a pedido de alguns mercadores seus amigos, a cujas questões e problemas, fundados em casos práticos, ele procurou dar a melhor resposta:

Variis atque assiduis mercatorum illecebris adductus, ego Petrus Santernus (sic) Lusitanus utriusque Iuris Doctor ut opusculum de assecurationibus et sponsionibus mercatorum, quae vulgari sermone *apostae* nuncupantur conficerem, etsi mihi rem fore arduam magnique laboris, et cunctis hominibus, quoquomodo prodesse non dubitarem, cum tamen pro comperto haberem, materiam ipsam, et illis ceterisque amicis nostris fore admodum fructuosam, pro uiribus nostris, eorum uotis ac postulationibus minime deesse uolui.<sup>71</sup>

<sup>68</sup> O próprio Amato Lusitano, pouco tempo depois de chegar a Antuérpia, ainda sob o nome de João Rodrigues, celebra dois contratos de afretamento com mestres da Bretanha no Verão de 1535, para a importação de figos e outras mercadorias do Algarve. Veja-se a edição dos documentos em A. M. L. ANDRADE, "Ciência, Negócio e Religião...", op. cit., 47-49, doc. 3 e 4.

<sup>69</sup> No seguimento das rebeliões flamengas de 1484 e 1488, cujo epicentro se localizou em Bruges, a colónia portuguesa, anteriormente aí estabelecida, foi a primeira a mudar-se de forma gradual para Antuérpia, onde já estava instalada por volta de 1496. A Feitoria de Flandres transfere-se também para Antuérpia, onde passa a residir o feitor régio. Sobre a orgânica, o funcionamento e as actividades da Feitoria portuguesa, cf. A. B. FREIRE (1920).

<sup>70</sup> Para um enquadramento histórico e jurídico dos seguros marítimos em Portugal nos séculos XV e XVI, cf. E. V.-C. PINTO (1998) 257-290. Veja-se também o estudo notável de H. CASADO ALONSO (2003) centrado na análise de centenas de apólices de seguros marítimos referentes ao comércio português, registadas em Burgos na segunda metade de Quinhentos.

<sup>71</sup> PEDRO DE SANTARÉM (1552), fl. 3v.

‘Eu Pedro de Santarém, português, doutor em ambos os Direitos, instado várias e frequentes vezes por mercadores meus amigos, para fazer um opúsculo sobre os seguros e promessas dos mercadores, que em linguagem vulgar se chamam *apostas*, embora não duvidasse da grande e árdua dificuldade da matéria e da sua utilidade para todos os homens, não quis de modo algum e na medida das minhas posses frustrar os seus desejos e rogos, convencido, como estou, de que o seu conhecimento será em extremo frutuoso, tanto para eles como para outros amigos nossos.’<sup>72</sup>

Fosse em Lisboa, fosse em Antuérpia, fosse em Veneza, em qualquer porto comercial<sup>73</sup>, haveria sempre mercadores e marinheiros portugueses interessados na matéria do tratado de Pedro Santerna.

A cidade de Ancona, em meados de Quinhentos, não foi exceção.

---

<sup>72</sup> Tradução de Miguel Pinto de Meneses, PEDRO DE SANTARÉM (2007).

<sup>73</sup> Recordemos a figura do navegador português Rafael Hytlodeu, protagonista da *Utopia* de Thomas More, cujo peregrinar pelas praças mais importantes da Europa, de Antuérpia a Lisboa, é bem o retrato deste tempo novo. Cf. Thomas MORE, *Utopia ou a melhor forma de governo*. Tradução, com prefácio e notas de comentário de Aires A. Nascimento. Estudo introdutório de José V. de Pina Martins. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009 (2.<sup>a</sup> edição revista).

## BIBLIOGRAFIA

- AMATO LUSITANO, *Amati Lusitani doctoris medici praestantissimi curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refertae et in hac ultima editione recognitae et valde correctae*. Burdigalae, ex typographia Gilberto Vernot, 1620.
- AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, prima et secunda, multiplici variaque rerum cognitione refertae*. Parisiis, apud Sebastianum Niuellium, 1554.
- AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuriae duae, tertia et quarta hac (quam uides)enchoridii forma nunc primum editae, addito indice copiosissimo*. Lugduni, apud Ioannem Franciscum de Gabiano, 1556.
- AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi, quibus non solum Offinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germanice, et Gallice proponantur*. Venetiis, [apud Gualterum Scotum], 1553.
- AMATO LUSITANO, *Centúrias de Curas Medicinaiis*. Volume I [-IV]. Prefácio e tradução Firmino Crespo. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d [4 vols.].
- AMZALAK, M. B., *O tratado de seguros de Pedro de Santarém*. Lisboa, 1958.
- ANDRADE, A. M. L., “Pires, Henrique”: *Dizionario storico dell’Inquisizione*, diretto da Adriano Proserpi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. III, 1225.
- ANDRADE, A. M. L., “Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 26 (2012) 20-27.
- ANDRADE, A. M. L., “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia”: CASTRO, I. O. – ANASTÁCIO, V. (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, 9-49.
- ANDRADE, A. M. L., “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011) 5-16.
- ANDRADE, A. M. L., *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento).
- ANDRÉ, C. A., *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva, 1992.
- BONAZZOLI, V., “Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento”: Gaetano Gozzi (a cura di), *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII*. Atti del Convegno internazionale organizzato dall’Istituto di storia della società e dello stato veneziano della Fondazione Giorgio Cini (Venezia, Isola di San Giorgio Maggiore, 5-10 giugno 1983). Milano, Edizioni Comunità, 1987, 727-770.
- BONAZZOLI, V., “Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547”: *Zakbor – Rivista di Storia degli Ebrei d’Italia* 5 (2001-2002) 9-38.
- CASADO ALONSO, Hilario, “Los seguros marítimos de Burgos. Observatorio del comercio internacional portugués en el siglo XVI”, *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto, III Série, vol. 4 (2003) 213-242.
- DELUMEAU, J., “Un ponte fra Oriente e Occidente: Ancona nel Cinquecento”: *Quaderni Storici* 13 (1970) 26-47.
- DIAS, J. J. A., *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal – Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos – Centro de Estudos Históricos da Univ. Nova de Lisboa, 2011.
- FREIRE, A. B., *Notícias da Feitoria de Flandres*. Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1920.
- GÉNARD, P.-M.-N.-J., “Personen te Antwerpen in de XVIe eeuw, voor het «feit van religie» gerechtelijk vervolgd. Lijst en ambtelijke bijhorige stukken”: *Antwerpsch Archievenblad/Bulletin des Archives d’Amers* 7 (s. d., circa 1870) 114-472.
- GIOCHI, F. M. – MORDENTI, A., *Annali della tipografia in Ancona*. 1512-1799. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1980, xlvii (Sussidi eruditi, 35).
- GIRALDI, L. G., *Due dialoghi sui poeti dei nostri tempi*. A cura di Claudia Pandolfi. Presentazione di Walter Moretti. Ferrara, Corbo, 1999.

- IOLY ZORATTINI, P. C., “Ancora sui giudaizzanti portoghesi di Ancona (1556): condanna e riconciliazione”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d’Italia* 5 (2001-2002) 39-51.
- KOLENDIĆ, P., “Nekoliko pesama humaniste Didaka Pira”: *Zbornik Istorija Književnosti Srpske Akademije Nauka i Umjetnosti. Odeljenje literature i jezika* 2. Beograd, »Akademija«, 1961, 1-47.
- LAMPILLAS, F. J., *Ensayo histórico-apologético de la literatura española contra las opiniones preocupadas de algunos escritores modernos italianos... Parte segunda de la literatura moderna. Tomo segundo traducido del italiano al español por D<sup>a</sup>. Josefa Amar y Borbon. Zaragoza, en la oficina de Blas Miedes, 1784.*
- LEONE LEONI, A. di, “Per una storia della nazione portoghese ad Ancona e a Pesaro”: P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *L’identità dissimulata: giudaizzanti iberici nell’Europa cristiana dell’eta moderna*. Firenze, L. S. Olschki, 2000, 27-97.
- LEONE LEONI, A. di, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghese di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-III]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011.
- MAFFEI, D., “Il giureconsulto portoghese Pedro de Santarém autore del primo trattato sulle assicurazioni (1488)”: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. LVIII (1982) 703-728 (*Estudos em homenagem aos Profs. Manuel Paulo Merêa e Guilberme Braga da Cruz – I*).
- MESSINA, P., “De Nobili, Roberto”: *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 759-762.
- MESSINA, P., “De Nobili, Vincenzo”: *Dizionario biografico degli Italiani* 38 (Roma 1990) 766-768.
- MORE, T., *Utopia ou a melhor forma de governo*. Tradução, com prefácio e notas de comentário de Aires A. Nascimento. Estudo introdutório de José V. de Pina Martins. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009 (2.<sup>a</sup> edição revista).
- NARO, B., *Vita del venerabil servo di Dio cardinale Roberto Nobili, bibliotecario della Santa Romana Chiesa, pronepote del sommo pontefice Giulio 3*. Urbino, nella stamperia della ven. cappella del ss. Sacramento per Antonio Fantauzzi, 1728.
- PEDRO DE SANTARÉM, *Petri Santernae Lusitani iuris utriusque doctoris peritissimi ac famosissimi, tractatus de assecurationibus et sponsonibus mercatorum nunc primum in lucem datus, cum repertorio et summariis*. Per eximium iu. Vt. Censurae Doct. D. Io. Baptistam Triumphum. Venetiis, apud Baltassarem Constantinum ad signum Diui Georgii, 1552.
- PEDRO DE SANTARÉM, *Tractatus de assecurationibus et sponsonibus*. Lisboa, 2007 (Edição Comemorativa do I Centenário da Supervisão de Seguros em Portugal).
- PINTO, E. V.-C., “Os seguros marítimos nas rotas portuguesas do Ultramar: uma perspectiva histórico-jurídica (séculos XV-XVI)”: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* 39, n.º 1 (1998) 257-290.
- PIRES, D., *Carminum Liber Vnus*. Ferrariae, apud Franciscum Rubrium, 1545.
- PIRES, D., *Cato Minor sine disticha moralia ad Ludimagistros Olyssipponenses [...]*. Venetiis, apud Felicem Valgrisium, 1596.
- POGIANO, G., *Epistolae et orationes olim collectae ab Antonio Maria Gratiano nunca ab Hieronymo Lagomarsino...* Volumen I. Romae, excudebat generosus Salomonius bibliopola, 1762.
- RAMALHO, A. C., *Latim renascentista em Portugal* (antologia). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – I.N.I.C., 1985.
- SANTORO, M., *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991.
- SEGRE, R., “Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)”: *Michael IX* (1985) 130-233.
- SIMONSOHN, S., “Marranos in Ancona under Papal Protection”: *Michael IX* (1985), 234-267.
- SOARES, M. P., “Nótula a propósito de Pedro de Santarém”: *Brotéria* 141, n.º 1 (1995) 99-101.
- STRACCA, B., *De mercatura, seu mercatore tractatus*. Venetiis, 1553.
- TOAFF, A., “L’ Universitas Hebraeorum Portugallensium di Ancona nel cinquecento. Interessi economici e ambiguità religiosa”: *Mercati, mercanti, denaro nelle Marche (secoli XIV-XIX)*. *Atti del Convegno – Ancona, 28-30 maggio 1982*. Ancona, Presso la Deputazione di Storia Patria per le Marche, 1989, 115-145.